

A RESPEITO DE GIRASSÓIS: a questão conceitual do trabalho docente no âmbito da formação de professores em curso de pós-graduação lato sensu

ABOUT SUNFLOWERS: the conceptual question of teaching work in the context of lato sensu post-graduate teacher training

Adriana Regina de Jesus Santos¹

Claudia Chueire de Oliveira²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo tecer considerações a respeito da questão conceitual do trabalho docente no âmbito da formação de professores. Para tanto, procuramos destacar as percepções de alunos de um curso de formação de professores, em nível de especialização *lato sensu* ofertado por uma universidade pública localizada na cidade de Londrina. As análises das expressões dos colaboradores foram realizadas, tendo como parâmetro autores que tratam da temática, sob a vertente do materialismo dialético. O percurso metodológico da investigação apoiou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa com auxílio de questionário com questão aberta. As análises resultantes indicam que os colaboradores possuem concepções críticas a respeito do trabalho docente e que a formação vivenciada no curso *lato sensu* foi fator decisivo para que houvesse tal despertar.

Palavras-chave: Trabalho docente. Formação de professor. Identidade profissional

ABSTRACT

The purpose of this article is to consider the conceptual question of teaching work in the context of teacher education. Therefore, we sought to highlight the perceptions of students of a teacher training course, at the level of specialization offered by a public university located in the city of Londrina. The analyzes of the expressions of the collaborators were carried out, having as parameter authors that deal with the subject, under the slope of dialectical materialism. The methodological course of the research was based on the assumptions of the qualitative research with the aid of an open-ended questionnaire. The resulting analyzes indicate that the employees have critical conceptions about the teaching work and that the training experienced in the course *lato sensu* was a decisive factor for such an awakening.

Keywords: Teaching work. Teacher training. Professional identity

¹ Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Docente do curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual de Londrina.

² Doutora em Educação pela UNICAMP. Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.

INTRODUÇÃO

O trabalho docente tem sido temática de estudos nas últimas décadas em razão da complexidade que o envolve. São diversas as vertentes que o explicitam, são inúmeros os sujeitos que o vivenciam em diferentes tempos e espaços, são muitas as causas de sua precarização, são incontáveis as consequências de sua realização.

Nossa preocupação em estudar a temática a partir de percepções de estudantes de graduação e pós-graduação é amparada pela opção profissional que temos, professoras de uma universidade pública estadual, que ano a ano aceitam o desafio de formar novos profissionais para a escola brasileira nos diferentes níveis do sistema.

A diversidade dos educandos é também fator preponderante, pois consideramos o lócus de formação das licenciaturas e dos profissionais que fazem o percurso da formação pedagógica na pós-graduação. Há uma riqueza de olhares que permitem o contínuo estudo da temática e o registro das possibilidades e limitações que o trabalho docente sofre a cada geração. Papi (2005) expressa que a construção de uma identidade profissional perpassa a vida do sujeito da escolha pela formação inicial até todos os espaços institucionais em que desenvolve a profissão. No caso de professores, os espaços estão sempre relacionados a escolarização e aos processos de gestão pedagógica vivenciados. Há portanto, um espectro infinito de possibilidades de estudo.

Faz-se necessário ressaltar, que as reflexões postas neste artigo, surge dos estudos realizados no Projeto de Pesquisa intitulado: Currículo e a práxis pedagógica: pressupostos e implicações no campo educacional, oferecendo suporte para o desenvolvimento das ideias aqui trabalhadas, pois envolve questões de currículo, desenvolvimento humano e trabalho docente. Neste estudo, optamos por apresentar um recorte referente a pós-graduação, em nível de especialização *lato sensu* por entender que este é um campo fértil para a problematização e reflexão de tal temática tendo em vista que estão em processo formativo e irão exercer a docência.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n. 9.394/1996 expressa que a “preparação do professor para o ensino superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado” (BRASIL, 1996, p. 23). Porém, mesmo com a indicação legal, os cursos *lato sensu* mantiveram-se em expansão.

Os cursos de especialização *lato sensu* tiveram na história brasileira um papel importante na formação de professores de nível superior. A criação dos mesmos pela Capes,

por meio do Decreto no 29.741/1951 tinha por objetivo “assegurar a existência de pessoal especializado e quantidade e qualidade suficientes para atender as necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país” (BRASIL, 1951).

Os cursos *lato sensu* foram então sendo regulamentados por diferentes momentos da legislação. A ênfase na formação didático-pedagógica considerava que a maioria dos cursos realizaria a formação dos docentes para o ensino superior. Outros aspectos atribuídos aos cursos *lato sensu* têm sido a “[...] especialização de profissionais para o mercado de trabalho público e privado (incluindo-se aqui a capacitação de professores para os níveis básico e superior de ensino), além da formação de técnicos e pesquisadores para empresas públicas e privadas” (FONSECA; FONSECA, 2016, p. 155).

A formação de professores em cursos de pós-graduação *lato sensu* ainda é um importante sistema portador de propostas de formação para o trabalho docente superior. (FONSECA; FONSECA, 2016). Há um aspecto formativo em razão do contexto de trabalho pedagógico que proporciona, da constituição de identidade docente que se projeta trabalhar nesta etapa de formação e das possibilidades de utilização da pesquisa relativa ao ensino como elemento constitutivo da docência. Temáticas relacionadas às especificidades institucionais, pertencimento ao ambiente de trabalho, reconhecimento de condições contextuais, provocam para movimentos de resistência ou mudança da realidade.

O universo de colaboradores deste texto refere-se a trinta alunos que cursaram diferentes disciplinas pedagógicas de um curso de especialização em docência no ensino superior em uma universidade pública localizada na cidade de Londrina. As áreas profissionais e de graduação são bastante variadas, assim como a idade dos colaboradores. Eles serão identificados neste texto a partir da informação por eles prestada a respeito do curso de graduação e idade. Não houve a pretensão de caracterizá-los a partir de tais informações, e sim, analisar no conjunto os aspectos que dizem respeito ao trabalho docente.

Ao tratar do trabalho docente, a compreensão do conceito de trabalho é primordial. Para Soratto; Olivie Heckler (2002, p. 111), trata-se de uma transformação “intencional, planejada, resultando num produto que antes só existia na mente humana e que é exteriorizado por meio do trabalho e passa, assim, a fazer parte do mundo, adquire vida própria [...]”. Diante da citação, no processo do trabalho produzido e externalizado das ideias, cada ser humano desempenha um papel ativo e responsável pela modificação da realidade.

Optamos por assumir o conceito de trabalho esclarecido pelas abordagens ontológica e histórica, cuja premissa está no materialismo histórico dialético. Marx (2001) atribui ao processo de trabalho uma condição própria do ser humano, necessária para que este se relacione com a natureza e produza sua existência, independentemente de qualquer forma social determinada. Sendo atividade específica do homem, pode desta maneira,

[...] distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material (MARX; ENGELS, 1989, p. 13).

Diante de tal concepção o trabalho surge da necessidade do homem em adaptar-se e modificar a natureza para atender suas necessidades de sobrevivência. O homem altera a natureza por meio de seu trabalho e conseqüentemente, a natureza o modifica, considerando que novas necessidades humanas vão surgindo. Deste modo, o homem se apropria do trabalho de seus semelhantes, pois no processo de modificação da natureza, há diferentes formas de apropriação humana. Trata-se de um processo de divisão do trabalho, tal como anunciado por Marx e Engels (1989, p. 29):

[...] a partir do instante em que o trabalho começa a ser dividido, cada um tem uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual ele não pode fugir; ele é caçador, pescador, pastor ou crítico, e deverá permanecer assim se não quiser perder seus meios de sobrevivência.

O trabalho sofre transformações ao longo de sua história, influenciando a vivência do homem em sociedade, dividindo-os em diversos ofícios. Fundamental para o desenvolvimento humano, em sociedade, requer capacidade de educar. Assim, trabalho e educação são peças fundamentais à sobrevivência e existência do conjunto de homens em uma dada sociedade.

Para Oliveira (2005, p. 49), as relações que envolvem educação e trabalho justificam-se no processo histórico e contraditório de formação humana. Os sujeitos coletivos diante da complexificação do trabalho organizam suas ações inclusive por meio de ações educativas institucionalizadas.

Assim, a tarefa educacional entendida no conjunto das relações que a produzem o trabalho e por ele são igualmente produzidas, consideram:

[...] o papel preponderante que a educação escolar tem na formação dos sujeitos e ter como referência as contradições e tensões de caráter socioeconômicas, políticas e culturais. Visto dessa maneira, a formação dos profissionais da educação não pode ser compreendida como processo natural decorrente da evolução natural das sociedades escolarizadas. Não há

perspectiva “natural” quando se compreende que o capitalismo é um modo de produção desenvolvido historicamente e que, portanto, produz a exigência da educação dos trabalhadores da educação, seguindo a lógica da exploração do trabalho e da acumulação do capital. (OLIVEIRA, 2005, p. 64).

No conjunto, destacamos que a atividade docente corresponde aos processos formativos de mediação do conhecimento produzido e acumulado pela humanidade ao longo da história e também das informações presentes no âmbito do dia-a-dia na sociedade. Isso significa dizer que há cuidado intencional com os pressupostos e com o próprio exercício de usufruir dos condutores dos processos escolares, tais como os elementos do planejamento do ensino, a avaliação da aprendizagem, a relação professor-aluno, o entendimento do currículo, etc.

O trabalho docente oportuniza, portanto, aquisição de conhecimentos, envolvimento no processo formativo de desenvolvimento humano além de possível superação de dificuldades que venham a ser apresentadas pelos alunos no percurso do processo de ensino e da aprendizagem. Freitas (1995) destaca que o resultado do trabalho educativo do homem no processo de apropriação da natureza, deve ampliar o conhecimento e desenvolver a ciência e a cultura e ser movido por meio do contraponto de execução de práticas artificiais ou de relações sociais de produção dominante.

A respeito do conceito de trabalho docente acima explicitado, os colaboradores se manifestam afirmando que:

[...] o trabalho docente vai muito além de ensinar os conteúdos científicos de forma ‘pronta’ e ‘acabada’. Trabalho docente é ensinar envolvendo as ações cotidianas dos alunos, ter gestão de classe, ou seja, compreender e lidar com todo o processo de ensino e aprendizagem que apresenta um público alvo heterogêneo, com diferentes histórias e culturas. (Licenciatura em Química, 24 anos)

O trabalho docente é aquele desenvolvido no contexto do ensino-aprendizagem, o professor é um dos mediadores desse processo e detém ferramentas e conhecimentos para trabalhar juntamente com os discentes na aprendizagem. Ele é o responsável por planejar o formato das aulas, desenvolver o conteúdo e avaliar o processo. É agente fomentador, incentivador e motivador. É parte do seu trabalho ajudar o aluno no seu desenvolvimento crítico-social e crítico-político e dessa forma atuar na construção da própria sociedade. (Administração e Design, 46)

O trabalho docente necessita de uma metodologia que ajude a formar alunos pensantes...a didática do professor precisa contemplar também as ferramentas que auxiliam a educação, visando assim, uma aula mais dinâmica e mostrando assim preocupação do professor em ensinar diversas possibilidades. (Publicidade e Propaganda, 26).

Trabalho docente, não há apenas um conceito capaz de descrever toda essência que esse termo emprega. Mas, dentre eles há de citar sua essência. O

significado pode ser compreendido pela ação de ensinar, efetivado por meio das ações realizadas pelo professor, para tanto, faz-se necessário ressaltar o papel mediador, do docente, na apropriação dos resultados voltados também para a prática social, onde é necessário considerar a história social dos discentes. O trabalho docente vai além da sala, precisa estender o olhar e enxergar as perspectivas que envolvem essa prática, vai além de ensinar; do mediador. (Administração, 30)

Portanto, a discussão pertinente ao trabalho e à educação, considera que a identidade docente sofre inúmeras transformações relevantes no decorrer do tempo e que tem solicitado a redefinição do seu papel. Pimenta (2002, p. 7) esclarece que:

[...] a identidade profissional do professor se constrói a partir da significação social da profissão [...] constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere à atividade docente de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida: o ser professor.

Para Saviani (1991) trata-se da estreita relação entre educação e consciência que o homem tem de si mesmo, modificada a cada época e lugar, em conformidade com o desenho ideal de homem e de sociedade. Um colaborador da presente investigação assim expressa:

Compreendendo o aprimoramento, amplificação e desenvolvimento do capital intelectual humano, o trabalho docente se mostra como um desafio para o avanço do conhecimento científico e das capacidades humanas em si. Ora, não é a universidade o elo de ligação do conhecimento novo e as estruturas sociais? A produção do trabalho docente é a intersecção entre o capital humano enquanto pensador/produzidor e a sociedade enquanto receptora/compradora do conhecimento. (Administração, 23)

Rubim e Oliveira (2014, p. 118-119) explicitam o dilema com clareza:

Vivemos um momento da sociedade capitalista em que o processo de globalização acelerou as transformações sociais resultantes, principalmente, dos avanços científicos e tecnológicos de diversos setores. A globalização, a terceira revolução industrial, a multipolaridade econômica, a tendência neoliberal, a produção flexível, a sociedade do conhecimento e exclusão social, a supressão dos limites, a terceirização são algumas manifestações que ouvimos e vemos diariamente. Tudo isso, por conseguinte, tem gerado grandes alterações no modo de agir, pensar e viver das pessoas. Essas rápidas mudanças nos revelam os desafios que a escola e os professores, como formadores e cidadãos, devem enfrentar para responder pedagogicamente às delimitações dos novos tempos.

Compreendemos que nesta sociedade contemporânea, o professor está assumindo, mesmo que inconscientemente, um papel de “intelectual do capital”, que visa dar garantias de manutenção a uma ideologia hegemônica. Ao utilizar o trabalho do professor, o poder que a classe social dominante exerce sobre a classe dominada não se dará mediante ao uso da força,

mas sim por uma imposição ideológica que será transmitida pela escola, mais precisamente pelo trabalho do professor.

Conforme Saviani (1995), neste panorama capitalista, o Estado atua para conceber os interesses de apenas uma classe social, por isso, na elaboração de políticas educacionais, as determinações apontam para a produção de um currículo escolar que atenda somente os interesses deste grupo hegemônico. Esse esquema é presumível, tendo em vista que, o “[...] Estado não é outra coisa senão a forma de organização que os burgueses dão a si mesmos por necessidade, para garantir reciprocamente sua propriedade e seus interesses, tanto externa como internamente” (MARX, ENGELS, 2002, p. 74).

Diante das responsabilidades delegadas ao profissional da educação um paradoxo inevitável é estabelecido: ora o docente é visto como o profissional essencial e indispensável para o desenvolvimento da sociedade, ora é desvalorizado devido às insatisfações e dificuldades encontradas.

Trata-se de um posicionamento reducionista em que o conhecimento se limita ao fornecimento de informações e receituários instrucionais. A instalação de tais processos na escola atinge inclusive os processos de formação de professores, retirando dos mesmos as possibilidades de compreensão de natureza do trabalho pedagógico. O entendimento da tarefa escolar relacionada ao conjunto de conteúdos nas diferentes disciplinas pensada de maneira reducionista denota uma aproximação com a teoria tradicional do currículo e faz parte do cotidiano dos profissionais que trabalham com a educação. Trata-se de uma maneira de pensar de forma fragmentada, em que não há conexão entre as disciplinas e o contexto. A interpretação dicotômica acaba por gerar “conhecimentos” igualmente fragmentados, colaborando sobremaneira para a eternização de uma cultura invariável e de manutenção de divisão do trabalho.

Oliveira (2005) destaca que nas instituições escolares o processo de divisão do trabalho é manifestado em várias formas de organização administrativa, entre elas, na concepção do currículo, na ruptura entre quem idealiza e quem concebe um projeto de ação, tornando ao executor do processo, mero objeto e não sujeito da ação.

O panorama atual requer do professor que o entendimento relativo ao currículo escolar seja:

[...] muito mais do que um programa de estudos, um texto em sala de aula ou o vocabulário de um curso que se traduzem nos conteúdos disciplinares. Mais do que isso, ele representa a introdução de uma forma particular de vida; ele serve, em parte, para preparar os estudantes para posições dominantes ou subordinadas na sociedade existente. O currículo favorece certas formas de

conhecimento sobre outras e afirma os sonhos, desejos e valores [...].
(MCLAREN, 1997, p. 216)

Quando as relações vividas na escola não se limitam ao micro contexto, a escola é entendida como parte de um panorama maior dentro da sociedade e o conhecimento envolve uma multiplicidade de possibilidades a serem consideradas como, por exemplo:

[...] questões de poder, tanto nas relações professor/aluno e administrador/professor, quanto em todas as relações que permeiam o cotidiano da escola e fora dela, ou seja, envolve relações de classes sociais (classe dominante/ classe dominada) e questões raciais, étnicas e de gênero, não se restringindo apenas a uma questão de conteúdos e suas respectivas disciplinas. (HORNBURG; SILVA, 2007, p. 1)

Os autores supracitados cunham a variedade de processos que podem ser vivenciados pelos sujeitos na escola, a partir do trabalho docente relacionado ao materialismo dialético, cujas indagações são em distintas perspectivas, visando compreender as ferramentas de poder e de influência em um dado contexto histórico. Os discentes que colaboraram com esta investigação apresentam entendimento da questão, conforme explicitado nos depoimentos a seguir:

Algo muito além de aula, um trabalho que rompe as barreiras do tempo e espaço, tempo, pois a aula não se limita ao período em sala [...] o ensino e ao mesmo tempo a aprendizagem se mostram em um continuum entrelaçado de interação entre o professor e os alunos e todo o contexto e pessoas que os rodeiam. [...] (Administração, 32)

O trabalho docente, de forma geral, é árduo contudo durante as aulas na especialização tive a oportunidade de conhecer o trabalho do professor de uma forma mais profunda e também de perceber e conhecer perfis de professor dos quais eu quero ter como referencial e outros que são modelos que não quero seguir. (Letras Português, 30)

Compreendi com o curso de especialização que devemos pensar no aluno, ajuda-los a construir seus conhecimentos sem dar respostas, ou seja, faça-los refletir. A única pergunta que é o que é ensinagem? E percebi que só podemos dar uma aula bem sucedida se desenvolvermos empatia com o aluno. Ter amor pela profissão também é importante. (Letras, 30).

É uma prática que requer não somente conhecimento científico, mas também uma visão global, empatia e reflexão. Não basta saber, é preciso ser uma figura inspiradora, capaz de encontrar e envolver os alunos e a comunidade. Deste modo acredito que o mais importante do trabalho docente é visar o bem social, democratizando o conhecimento e retornando a produção intelectual à comunidade em prol de uma sociedade democrática e inclusiva (Designer Gráfico,25).

A atividade docente é composta de um conjunto de requisitos que não podem estar separados da realidade educacional e do contexto sócio histórico. Neste sentido, Pimenta (2002, p. 17) expressa que a educação é:

[...] um fenômeno complexo, porque histórico, produto de trabalho de seres humanos, e como tal responde aos desafios que diferentes contextos políticos e sociais lhe colocam. A educação retrata e reproduz a sociedade; mas também projeta a sociedade que se quer. Por isso, vincula-se profundamente ao processo civilizatório e humano. Enquanto prática histórica tem o desafio de responder às demandas que os contextos lhe colocam.

Alguns colaboradores manifestam que ampliaram o entendimento de que a docência é um desafio contemporâneo a cada época:

[...] hoje eu entendo que o papel docente consiste em formar profissionais reflexivos, devendo para tanto, não apenas transmitir os ensinamentos, mas para além, fazer a mediação entre o conhecimento e o aprendiz. (Enfermagem, 35 anos)

Refliro que é mais amplo do que imaginava, compreendo por meio dos módulos ministrados no curso ser uma gama de informações pertinente para desenvolver de forma ampla o trabalho docente. Neste sentido, a atividade docente exige dedicação, cooperação, colaboração dentre muitas outras atividades. Em suma, ser docente é muito mais que ministrar uma aula para completar um currículo, reproduzir um conteúdo, porém após este tempo compreendi que o trabalho docente exige do professor tempo, empenho, na busca de transmitir o saber de muitas formas. (Direito, 38)

Entendo que o trabalho docente como uma esfera que atende dois campos: o da atuação docente e de como a sociedade determina este fator...assim, a atuação do docente depende de múltiplas questões e determina a formação de inúmeras pessoas. (Pedagogia, 28)

Duarte (1998, p.2) lembra que “[...] não existe uma essência humana independente da atividade histórica dos seres humanos, da mesma forma que a humanidade não está imediatamente dada nos indivíduos singulares”. Esse é um dos pontos que precisa ser resgatado na formação de professores: “[...] o trabalho educativo alcança sua finalidade quando cada indivíduo singular apropria-se da humanidade produzida histórica e coletivamente [...] necessários à sua humanização” (DUARTE, 1998, p. 1).

Veiga (2005) acrescenta que trabalho docente é especificamente o responsável direto para a formação de novos professores, “uma ação contínua e progressiva, que envolve várias instâncias e atribui uma valorização significativa para a prática pedagógica e para a experiência, consideradas componentes constitutivos da formação” (p. 6). Para a autora:

[...] a formação é um processo coletivo de construção docente. É uma reflexão conjunta, na medida em que a prática decorrente dessa formação será

necessariamente coletivizada; não é uma construção isenta de conflito, mas torna-se mais produtiva se e quando partilhada, [...] a formação como processo significa uma articulação entre formação pessoal e profissional (VEIGA, 2005, p. 6).

Isto posto, a formação nos cursos *lato sensu* deve conduzir-se por um processo que implique articulação entre o pessoal e o profissional, construído de forma coletiva a partir de reflexões, trocas de experiências e busca por novos conhecimentos. Ens (2007, p. 125) é quem oferece respaldo para a situação:

[...] num espaço de formação, convive-se simultaneamente, com a inovação e a incerteza. Por isso, a educação dos seres humanos torna-se mais complexa, e a formação do professor; também, passa a assumir essa complexidade. Para superar a dicotomia entre ensino e pesquisa, teoria e prática, e possibilitar a construção de uma práxis dinamizada pela iniciativa, pelo envolvimento do futuro professor em projetos educativos próprios e fundamentados, torna-se necessário reconhecer tal complexidade.

Os alunos participantes da pesquisa se manifestaram a respeito da complexidade que envolve o trabalho docente quando afirmam que:

Vai muito além do simples ato de entrar na sala de aula e repassar o conteúdo programado (Ciência Contábeis, 26).

É entendido como uma tarefa de intermediar o conhecimento através de práticas pedagógicas (Administração, 24)

É um trabalho de muita responsabilidade, organização, mediação para os discentes (Direito, 49).

Ao pensar o professor como um profissional da educação que contribui para uma melhoria na sociedade por meio de seus conhecimentos compartilhados, compreende-se que este não pode existir sem a presença do compromisso político-social, uma vez que a formação do cidadão está diretamente ligada a esta dimensão que visa cidadãos críticos e transformadores. Imbernón (2002, p. 27) é quem destaca que “[...] o objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social. E a profissão de ensinar tem essa obrigação intrínseca”.

Muitas vezes, os cursos de formação de professores perdem de vista a necessidade de eos estudantes para que eles examinem a natureza subjacente dos problemas da educação superior. Os futuros professores aprendem metodologias que parecem negar a própria necessidade de pensamento crítico. Além disso, esses programas privilegiam o discurso do gerenciamento e da eficiência, nessa abordagem, a vida acadêmica se organiza em torno de

especialistas em currículo, instrução e avaliação, aos quais se reserva a tarefa de concepção, ao passo que os professores em formação são reduzidos a tarefa de implementação dos mesmos.

Os aspectos que constituem o trabalho docente, distribuídos nos elementos do planejamento de ensino e respeitando as peculiaridades da interação professor-aluno, só tem sentido de existência quando capazes de estimular o professor a entender a prática educativa que ocorre na sala de aula, no ambiente acadêmico. Há choques de realidade, há divergência de valores de vida, há males contemporâneos e dolos seculares a serem vencidos a cada dia. Temas como agressividade, *bullying*, carência de recursos materiais, fome e dores das mais diversas categorias, disputam atenção com o quadro de giz, com os *smartphones*, com os cadernos e livros, com as vidas dos sujeitos nas esferas educativas básica ou superior.

Contribuir para a formação de pessoas críticas e comprometidas, além de conhecer o mundo em que se vive é situar-se, buscar respostas aliadas ao pensamento crítico que resultem na própria ação educativa por meio de uma práxis transformadora.

Ao salientar este enfretamento por meio da práxis, Gramsci (1978) deixa a entender que o desenvolvimento do professor, considerando seus processos formativos e posteriormente seu trabalho, sejam alicerçados de maneira consistente, isto é, tendo uma base teórica e epistemológica que ofereça condições para concretização de uma ação duradoura, atingindo o particular e o universal, a parte e o todo, que constitua o homem em sua essência histórica e social, e não somente como um ser robotizado e controlado dentro de uma ótica fragmentada e naturalizante do mercado, que faz com que o ser humano apenas reproduza ideologias a-históricas.

O momento contemporâneo exige que o trabalho docente seja agregado a significados que tragam prazer em descobrir que é possível transformar a vida por meio do conhecimento sistematizado. Quando a observação mobiliza a curiosidade, movimenta o sujeito para buscar informações, remete à conhecimentos já estruturados, traz novas indagações e conseqüentemente move para ações direcionadas à mudança, implicando dessa maneira, em um envolvimento político e pedagógico que possa proporcionar aos espaços formativos um estranhamento em relação ao contexto social e educacional, provocando mudanças de pensamentos e de atitudes dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões em torno da formação *lato sensu* e do trabalho docente requerem o entendimento de que a ação humana possui intencionalidades e por isso deve ser percebida

como um meio transformador que elucida, que propicia um conhecimento crítico e que faz o homem questionar o mundo a sua volta. A compreensão da constituição enquanto homem é elemento imprescindível para a construção de saberes pertinentes à formação humana.

Quando não acontece esse mecanismo, o trabalho do professor será apenas o de reproduzir uma hegemonia, que não terá significado nenhum para uma formação consciente e sim o enquadramento em uma ideologia dominante.

Em nossa análise reiteradamente afirmamos que o docente necessita compreender o ser e o fazer docente de maneira crítica para não servir como um instrumento de reprodução. Neste panorama, apresentamos que há muitas outras situações que devem ser refletidas, caso contrário o discurso será comum, outorgando ao professor todas as mazelas e responsabilidades do não funcionamento do processo educacional.

Assim sendo, tendo como parâmetro as falas dos discentes, sujeito de nossa pesquisa, cabe indagar constantemente como os cursos *lato sensu* estão trabalhando a formação do professor em referência a sua constituição no decorrer da história e da construção do conhecimento da própria área, aspectos imprescindíveis para uma formação coerente e de boa qualidade quando se pretende transformações que sejam objetivas e de caráter socializador.

As intencionalidades dos cursos, expressas ou ocultas nos planos e projetos, nas concepções teóricas, matrizes curriculares e políticas educacionais, são alguns elementos primordiais para que a profissão docente não seja construída em meio a fragilidades.

Em vista disso, os dados coletados por meio das falas dos alunos do curso *lato sensu*, indicam que é imprescindível que a formação de professor necessita proporcionar reflexões acerca do trabalho docente, pois este sujeito professor, precisa entender a sua profissão de modo amplo, percebendo quem e o que define os rumos de sua atividade, ou seja, que faça o professor compreender que há determinantes e que com autonomia, o exercício do magistério superior é capaz de alcançar ações conscientes, que superem a epistemologia empírica com compromisso pedagógico e social de formação humana.

Isto posto, é possível ressaltar que um dos acontecimentos que mais descaracteriza qualquer profissão ou identidade na sociedade contemporânea é a carência de reflexão crítica acerca das representações que constitui a identidade e que são difundidas ao longo do tempo, tanto de modo individual quanto social. Por isso, necessitamos perceber que estas representações podem se tornar um instrumento de reprodução e de poder, em que o sujeito representa uma constituição de si mesmo por meio de uma espécie de memória que ficou marcada no tempo, determinando conceitos históricos que não são analisados criticamente,

fazendo do homem um corpo passivo e indiferente às transformações da sociedade, em que aceita ser modelado, estabelecido e incorporado a um ideal do eu que irá ser representado ao longo da história sem uma devida reflexão.

Assim, apresentamos a ideia exposta no título deste artigo: a respeito de girassóis. Os girassóis são movidos por um ciclo de acompanhamento do sol, chamado de heliotropismo. Enquanto jovens plantas, ao despertar do dia, seguem os movimentos do sol com precisão de ponteiro de relógio. À noite, realizam o movimento em sentido contrário. Dessa maneira, garantem a fotossíntese e o crescimento. Porém, num determinado momento do ciclo de vida, na maturidade da planta, os girassóis se voltam para o oriente indefinidamente até secarem e morrerem. É na fase da maturidade que os girassóis liberam calor adicional e se tornam mais atrativos para a polinização. A polinização por sua vez, admite que os velhos girassóis sejam reproduzidos e a espécie inicie por meio de outros girassóis nascentes, a dança do sol.

Como os girassóis, entendemos que o assunto aqui tratado deve ser motivo de discussões nos cursos *lato sensu* para que no contexto de sala de aula se busque formar profissionais da educação comprometidos com o projeto educativo que almeje mudanças e melhorias ao cenário educacional junto a crise que há séculos vem se arrastando. Destarte, pretendemos que este texto ofereça novos campos de estudo, com outros e mais profundos questionamentos, de maneira que a chama das discussões em torno da profissão docente não cesse jamais.

REFERÊNCIAS

DUARTE, N. Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 44, p. 85-106, 1998.

ENS, R. T. Pesquisa na formação e inserção profissional de futuros professores segundo alunos de graduação e professores formadores. In: BEHRENS, M. A.; ENS, R. T.; VOSGERAU, D. S. R. (Orgs.). **Discutindo a educação na dimensão da práxis**. Curitiba: Champagnat, 2007. p. 119-134.

FONSECA, M. ; FONSECA, D.M. A gestão acadêmica da pós-graduação *lato sensu*: o papel do coordenador para a qualidade dos cursos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 151-164, jan./mar. 2016.
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0151.pdf>>. Acesso em 15 maio 2018.

GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HORNBURG, N. SILVA; R. Teorias sobre currículo: uma análise para compreensão e mudança. Vol. 3n 10 jan. e jun./2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/520266/TEORIAS-SOBRE-CURRICULO>>. Acesso em 10 abr.2018.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2002.

MCLAREN, P. **A vida nas escolas**: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 200.

MARX, K, ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins fontes, 1989.

OLIVEIRA, M.A.M. (Org.). **Gestão educacional**: novos olhares novas abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, C.C. **A formação superior de professores através de mídias interativas**. 2005. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2005.

PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo, Cortez Editora, 2002.

RUBIM, S.R.F; OLIVEIRA, T. A imagem como fonte e objeto de pesquisa em História da Educação. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 2010, Maringá. **Anais...** Maringá, 2014.

VEIGA, I.P.A. (Org.). **Projeto político pedagógico da escola**: uma construção possível. São Paulo: Cortez, 2005.